 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 066. Visualidades Indígenas

Ana Lúcia Marques Camargo Ferraz (UFF) - Coordenador/a, Edgar Teodoro da Cunha (UNESP) - Coordenador/a O GT visa reunir pesquisas recentes que analisem as produ?es audiovisuais feitas por povos indigenas ou sobre eles. O escopo das investigac?es a serem apresentadas deve agregar reflex?es sobre as concepc?es de imagem do ponto de vista das cosmologias de distintos povos indigenas, mas tamb?m reflex?es sobre a apropria??o das t?cnicas de produ??o de imagens, analises de processos de socializac?o da linguagem do cinema e do video por meio de oficinas e seus paradoxos e experiencias correlatas. O objetivo das sess?es ser? analisar as novas visualidades que se colocam para dentro e para fora dos grupos indigenas, o protagonismo dos jovens indigenas na produ??o de discursos audiovisuais a partir das l?gicas culturais; rela?es entre imagem e xamanismo; circula?ao de pontos de vista ind?gena e sua recep??o academica, apropria??o do audiovisual em processos de transmiss?o de conhecimento, seus limites e possibilidades. Os temas gerais que ser?o acolhidos no GT tratam de comunicac?o intercultural, relac?es entre imagem e politica, quest?es de autoria, tecnologias nativas do tornar visivel, jovens indigenas e apropriac?o das tecnicas do video, transmiss?o oral e o audiovisual.

Jeguatá - Caminhos de campo, caminhos de imagens

Autoria: Pedro de Andréa Gradella

Proponho neste work uma análise detida, da prolífica experiência realizada em oficinas de audiovisual realizadas entre os povos Guarani, Kaiowá, Nhandeva, e Mbya, com mais frequência, e também realizadas entre Terenas, Aymaras e Quechuas. Desde 2014 venho realizando tais oficinas de vídeo com povos originários, foram realizadas várias delas em diferentes territórios, como Dourados-MS (Kaiowá), Aldeia Pirajuí-MS (Nhandeva), Inquisivi - Bolívia (Aymara) e Maricá - RJ (M´bya). Todas estas oficinas congregaram grupos interétnicos nestes territórios. Procuro identificar nestas experiências: Qual especificidade deste tipo de pesquisa/ ação de campo, que se dá através de uma intervenção direta em campo, de participação observante, de um happening intensivo e de curta duração, com participantes de diferentes etnias criando coletivamente? Que novas narrativas (ou não-narrativas) são produzidas nestas oficinas que (re)existências provocam? Será possível produzirmos a partir de pressupostos de alteridade que não os clássicos da antropologia, mas sim a partir de pressupostos de alteridade ameríndios? Quais os entendimentos cosmológicos (das interações entre indígenas e não-indígenas, entre humanos e não-humanos (tecnologias audiovisuais) que ocorrem nestas oficinas? O que esses companheiros de campo me apresentam sobre esse tema? Processos de diferenciação, gerados nos encontros nos fazem vislumbrar elementos de uma possível antropologia reversa, onde estes pesquisadores/realizadores audiovisuais refletem e recriam não só a si mesmos, mas ativamente também aos seus outros, sejam indígenas ou não-indígenas, humanos ou não-humanos.

Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**